

UNIDADE 2

SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DA CULTURA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM

Ao finalizar esta Unidade, você deverá ser capaz de:

- ▶ Demonstrar como a sociedade pode padronizar formas e conteúdos de respostas às necessidades comuns;
- ▶ Identificar o que é e como ocorre um processo de socialização; e
- ▶ Demonstrar como ocorre a formação da cultura.

PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DA CULTURA

Caro estudante,

Nesta Unidade, veremos como as relações sociais acontecem e como elas estabelecem conexões umas com as outras, formando um todo cujas partes estão solidamente ligadas e envolvem todos os membros dessa sociedade em apenas um bloco, em apenas um contexto.

Você já parou para pensar sobre como o homem reage diante do mundo que o cerca? Como ele faz para adequar seu comportamento de modo a procurar sentir-se sempre bem nas diversas situações com as quais se depara?

Pretendemos, nesta Unidade, indicar alguns caminhos que levam à construção das respostas dessas interrogações.

Então, inicie a leitura e busque as respostas, não esquecendo que continuamos esta caminhada com você!

Como vimos na Unidade 1, há cerca de 10.000 anos o homem deixou de ser um caçador itinerante para “sedentarizar-se” em lugares que lhe permitissem, quase que naturalmente, construir meios e formas mais apropriados no sentido de facilitar, por meio de sistemas de trocas – relações sociais –, o suprimento de necessidades comuns, seja de sobrevivência, seja de convivência.

Evidentemente, viver em agrupamentos significa abrir mão de certos comportamentos instintivos e aceitar propostas e imposições da parte de outros ou do grupo, no sentido de resguardar as facilidades que permitem realizar o objetivo maior da sobrevivência.

O impulso natural de sobrevivência levou o homem a buscar um conjunto de aprendizagens que lhe permitissem adaptar-se ao

meio e, assim, poder conviver com os demais indivíduos de seu grupo. Esse processo de adaptação da sua personalidade para a personalidade própria – e abstrata – do grupo tem o nome de **socialização**.

Veja, no extrato do texto de Horton e Hunt (1983, p. 39), um exemplo de como o comportamento habitual das pessoas, além dos fatores biológicos que o indivíduo traz consigo desde seu nascimento, é uma construção feita ao longo de sua vida, cujos materiais são as diversas experiências que a convivência lhe impõe.

Consideremos a manhã de um estudante universitário norte-americano. Desperta sobre um grande e macio acolchoado mantido acima do chão por uma armação de madeira e coberto com diversas camadas de tecido suave, entre os quais dorme. É despertado em um momento cuidadosamente predeterminado pelo retinir do som de uma diminuta caixa numa plataforma próxima de seu acolchoado para dormir. Estende o braço, silencia a caixa e depois de coçar-se várias vezes e grunhir, levanta-se e entra num pequeno compartimento junto ao quarto e olha fixamente para uma grande superfície brilhante que reflete sua imagem. Passa a mão pelo rosto e com a mão apanha um pequeno objeto cortante, depois coloca-o no lugar de novo e sacode a cabeça. Torce alguns botões e a água jorra de pequenos pedúnculos e enche uma bacia, dentro da qual ele mergulha e se debate. Espreme uma coisa branca em um pequeno bastão com um tufo e esfrega na boca enquanto faz espuma e saliva. Enxuga-se com um grande tecido macio, volta e faz escolha de uma grande quantidade de tecidos de várias cores que estão moldados para se ajustarem a diferentes partes de seu corpo. Depois deixa o quarto e se encaminha pra uma sala muito maior onde ele e muitos outros estudantes formam uma fila indiana. Cada um é servido de alimento que critica em voz alta e consome com avidez. Depois de comer, deixa o prédio e aproxima-se de uma larga passagem que está cheia de vagões... A sua frente observa uma jovem e pensa em pedir-lhe um encontro e ficarem frente ao outro e pularem para cima e para

baixo. Cada vez ruídos fortes são feitos por uma equipe de fazedores profissionais de barulho. Deixando tudo isso de lado, dirige-se a um grande prédio, procura uma determinada sala, despeja-se numa cadeira e murmura para outro estudante a seu lado: “O que é esse troço chamado “cultura” de que esse professor está sempre falando?”. Um jovem Purari da Nova Guiné desperta de seu sono quando o sol se ergue. Estava dormindo em uma esteira de junco no chão da casa dos homens. Com outro jovem solteiro, dorme aqui porque seria chocante e indecente que dormisse na mesma casa com parentes do sexo feminino. Boceja, espicha-se e ergue-se para executar a primeira tarefa do dia que lhe foi atribuída: verificar a fileira de crânios humanos nas prateleiras em exibição para ver se estão em ordem. Contempla-os e lembra-se dos poderosos inimigos que representam. Desejava ter idade suficiente para participar da próxima festa canibal. Assim, os poderes do inimigo surgiriam através de seus próprios músculos e sua astúcia, a do inimigo, se alojaria em seu próprio cérebro. Na verdade, deve ser formidável ser um guerreiro Purari. Mas, entretantes, há trabalho a ser feito. Dá um mergulho rápido na corrente barrenta e depois vai à casa do pai para um desjejum de sagu. Encontra a mãe e as irmãs na casa e, por isso, volta à casa dos homens para ingerir seus desjejum, como deve proceder qualquer jovem de boas maneiras. Já que o trabalho de hoje deve ser caçada aos porcos, ele apanha o arco e as flechas e junta-se a outros jovens, principalmente parentes pelo lado paterno da família. Enquanto estão esperando, uma donzela Purari passa casualmente com sua saia de palha balançando alegremente e ele conversa com ela por um momento. Desconfia que ela pode estar gostando dele, mas seus dedos nem ao menos se tocam, porque ambos estão acima de qualquer exibição vulgar. Quando o bando parte para a selva, o irmão mais moço da jovem aparece e quietamente caminha junto dele. Quietamente e sem dizer nada, este menino coloca um pequeno presente – um rolo de folhas de fumo – na mão do moço e desaparece.

Agora o passo do jovem se torna mais elástico e a postura de seus ombros é mais segura. Agora sabe que a moça gosta dele e que a cara mágica do amor que ele colocou sob sua esteira de dormir na noite anterior, funcionou bem. Na verdade deve ser bom ser um guerreiro Purari, mas, nesse meio tempo, é bom ser um jovem Purari.

Com base nessa citação, você pode perceber claramente que o comportamento habitual do homem, além dos fatores biológicos trazidos desde seu nascimento, é uma construção feita ao longo de sua vida e que resulta das diversas experiências que a convivência lhe desafia. Esse é o caminho pelo qual se constrói a personalidade de cada um em meio à convivência com todos os membros do conjunto social. Assim, todo bebê ingressa nesse mundo buscando seu máximo conforto físico: à medida que cresce, vai internalizando (inserindo em suas estruturas mentais) sua personalidade, sua linguagem, suas atitudes e seus sentimentos, seus valores, seus gostos e suas recusas, suas metas e seus propósitos, tudo isso traduzido por padrões de interação com as outras pessoas que fazem parte de seu meio. Cada pessoa constrói todos esses traços e características mediante um processo chamado de **socialização***.

***Socialização** – processo pelo qual, ao longo da vida, a pessoa aprende e internaliza os elementos socio-culturais de seu meio, integrando-os na estrutura de sua personalidade sob a influência de experiências e agentes sociais significativos, adaptando-se, assim, ao ambiente social em que ela vive.
Fonte: Rocher (1968).

A socialização é um processo de aprendizagem permanente que se inicia quando o indivíduo nasce. Essa aprendizagem parte de processos puramente biológicos e é a convivência com seus semelhantes durante o seu desenvolvimento que irá transformá-lo em um indivíduo social, capaz de conviver com os outros de seu meio sem, no entanto, torná-lo igual aos demais, pois na socialização o indivíduo conserva características próprias.

Como vimos rapidamente na Unidade 1, compete à Sociologia:

- ▶ examinar esses fenômenos vinculados e/ou decorrentes do processo de socialização, buscando suas causas e seus efeitos;
- ▶ buscar explicações sobre as origens (história, função, significado) desses fenômenos; e
- ▶ indicar possíveis consequências de seu uso/adoção ou rejeição por parte do todo social.

Dessa forma, descobertas, analisadas e explicadas as relações sociais que se formaram em um dado contexto, examinadas suas origens e seus possíveis efeitos, o homem pode propor novas formas de relacionamentos coletivos. Quando trabalhamos nesse sentido, estamos fazendo **Sociologia Aplicada** e, desse modo, aplicando esses conhecimentos em organizações privadas produtoras de bens e serviços (uma fábrica de móveis, uma construtora, uma mercearia), em organizações públicas (um posto de saúde, uma prefeitura), em grupos diversos (uma organização não governamental (ONG) que se preocupa com menores abandonados, com o meio ambiente etc.), sejam elas formais ou informais. Trata-se de um campo de particular interesse, pois, por intermédio de métodos científicos próprios, busca intervir de modo prático e operacional nessas organizações.

A Sociologia Aplicada à Administração, considerando as competências descritas acima, tentará sugerir intervenções no sentido de fazer ajustamentos ou mesmo, à luz de uma definição do que seja importante para essa sociedade ou para essa organização, fazer provocações de mudanças que melhorem a convivência dos participantes daquele contexto social.

Para que essa intervenção seja sistemática e adequada, ela deverá realizar estudos e pesquisas no sentido de buscar:

- ▶ conhecer os modelos de relações que se estabelecem entre os membros das organizações;
- ▶ conhecer os objetivos declarados e os não declarados das organizações ou de quem esteja a sua frente; e
- ▶ antever os resultados produzidos, seja do ponto de vista interno da organização, seja do ponto de vista externo, isto é, resultantes dessas relações, sugerindo a definição de ações que serão consideradas importantes para a consecução dos objetivos propostos e o uso dos instrumentos necessários para subsidiar, apoiar e facilitar essas ações.

Os estudos e pesquisas listados acima, uma vez elaborados, vão constituir-se em uma relação dos aspectos que, examinados à

***Contexto social** – tecido de relações sociais, papéis, processos, estruturas, paradigmas etc., que se forma a partir dos diversos elementos (tempo, espaço, recursos etc.) que o cercam e, até certo ponto, lhe dão condições de tornar-se consistente e permanente. Fonte: Elaborado pelo autor.

***Cultura** – forma comum e aprendida da vida, que compartilham os membros de uma sociedade e que consta da totalidade dos instrumentos, técnicas, instituições, atitudes, crenças, motivações e sistemas de valores que o grupo conhece. Fonte: <<http://tinyurl.com/348e8kw>>. Acesso em: 28 ago. 2010.

luz do **contexto social***, devem fazer parte de qualquer plano de mudança que se queira promover na organização.

Os diferentes elementos que foram apresentados – modelos de relação, objetivos, ações a propor, resultados esperados – tentam explicar a realidade que envolve uma organização e estão, evidentemente, vinculados uns aos outros de tal maneira que se tornam praticamente interdependentes. Certamente, esses elementos interferem na maneira como as pessoas que fazem parte de um contexto se relacionam, sem, no entanto, retirar do indivíduo sua própria personalidade. O projeto ideológico de formação social elaborado dinamicamente pelos elementos do contexto social sobre as pessoas e das pessoas sobre o contexto social conduzirá à criação de valores, símbolos e sanções, atitudes e comportamentos, significados e sentidos, que serão dialeticamente construídos, assumidos e expressos pelas pessoas que vivem naquele contexto e mediados a todos os seus novos membros. Considerada em sua perspectiva dinâmica, definimos, em um primeiro momento, a **cultura*** como sendo a totalidade das expressões criadas, vividas e mediadas, transmitidas pelos membros de um conjunto social.

A cultura é uma extensa rede de significados sociais, isto é, de significados compartilhados por todos os membros que fazem parte do conjunto social. Assim, cada momento, cada elemento, cada objeto, apresenta ao membro do grupo um padrão de pensamento/atitude e um modelo de conduta.

Podemos enunciar de maneira mais simples que cultura é tudo o que é criado, vivido, compartilhado e mediado pelos membros de uma sociedade; que os hábitos adquiridos e os paradigmas construídos pelo homem, os conhecimentos, a tecnologia, a arte, os valores, a moral, o direito, as crenças, os costumes, os sentimentos, os símbolos, enfim, tudo o que o homem construiu e partilhou com seus semelhantes, constituem a cultura de uma sociedade. E, assim como na linguagem cotidiana definimos por alguns qualificativos a

compleição* física de uma pessoa – magro, alto, gostoso, franzino, atarracado, etc., – na linguagem psicológica, atribuímos qualidades vinculadas à personalidade – personalidade agressiva, sociável, simpática, tímida etc. Da mesma forma, ao estudarmos as organizações do ponto de vista sociológico, buscamos dar ao conjunto de suas características sociais atributos que venham a identificar melhor aquela organização.

*Compleição – constituição física, biótipo.
Fonte: Houaiss (2009).

Poderíamos avançar muito sobre o conceito de cultura; entretanto, a partir das expressões anteriores, já podemos depreender os elementos essenciais para a compreensão do termo, a saber:

- ▶ a totalidade das produções, vivências, criações, símbolos e significados compartilhados e convencionados;
- ▶ a transmissão ao longo do tempo;
- ▶ a modelagem de uma forma comum de vida a ser levada naturalmente pelos membros de um conjunto social;
- ▶ as **mudanças** normalmente lentas; e
- ▶ a constatação de que se diferencia de uma sociedade ou de um lugar para outro.

Se olharmos para essas produções – vivências, símbolos e criações vividas e compartilhadas – pela perspectiva dos elementos que compõem o contexto social – objetivos, valores, tecnologia, estrutura de relações, tempo, espaço, recursos e massa crítica –, dificilmente encontraremos duas culturas iguais, seja do ponto de vista histórico, seja do ponto de vista espacial. Como cada conjunto humano tem seu próprio contexto social, com seus constitutivos únicos, no qual o homem vive e se desenvolve, não há como dizer que tal cultura é melhor do que outra ou comparar uma cultura com outra.

O termo cultura, no senso comum, apresenta um significado diferente daquele que estamos empregando neste livro; significa acumulação de saber, de um saber de conhecimentos gerais, de um

Saiba mais

Mudanças

Atualmente, no mundo globalizado, as mudanças tendem a acontecer de forma rápida e constante em razão, sobretudo, das inovações tecnológicas. Como vimos na Unidade anterior, uma nova tecnologia altera o modo pelo qual o homem busca um determinado suprimento para suas necessidades. Isso representa uma mudança (pequena, é verdade) na cultura. Mas a soma ou a justaposição de muitas pequenas alterações pode representar uma mudança cultural significativa. Por outro lado, se atualmente a tecnologia é a causa mais frequente de mudanças, devemos ressaltar que a inovação tecnológica não é a única a provocar mudanças: há outros elementos, como a mudança de valores vigentes, a alteração de objetivos propostos etc. Fonte: Elaborado pelo autor.

 **Saiba mais** Johann Christoph Adelung (1732-1806)

Cientista e filólogo alemão, publicou, entre outras obras, *Ensaio sobre a história da cultura da espécie humana*, em 1782. Fonte: Elaborado pelo autor.



saber acumulado a partir de experiências, de viagens, de leituras etc. Esse é o sentido original da palavra criada por [Johann Christoph Adelung](#). Praticamente um século depois, o termo cultura foi adotado pela nascente ciência da Antropologia e da Sociologia, mas não mais no sentido de acumulação de conhecimentos, e

sim no sentido de um complexo que envolve os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e todas as outras aptidões e hábitos que o homem cria e herda como membro de uma sociedade (TYLOR *apud* ROCHER, 1968).

A cultura envolve estudar e compreender as formas que o homem encontrou para constituir-se:

- ▶ **Poder sobreviver:** inclui a criação fortuita ou acidental, sistemática e científica, de instrumentos que tragam os valores do plano ideal para o plano real.
- ▶ **Poder conviver:** inclui a elaboração de limites e normas comportamentais, os gestos, as crenças e os símbolos com seus respectivos significados nos quais se baseiam muitas das normas e dos limites de conduta, os costumes e hábitos como paradigmas de satisfação de necessidades, e a arte como expressão de suas satisfações e insatisfações.

PERSONALIDADE, SOCIALIZAÇÃO E CULTURA

Como vimos anteriormente, o impulso natural de sobrevivência leva o homem a buscar um conjunto de conhecimentos e de habilidades que lhe permita adaptar-se ao meio e assim poder conviver com sua espécie: é o que chamamos de **socialização**. Quando falamos de personalidade, estamos entrando em uma área em que as definições são as mais variadas possíveis. No que diz respeito ao tema desta Unidade, interessa mostrar como o homem se adapta aos [padrões comportamentais](#) do grupo com o qual convive e que, portanto, devem ser sempre considerados.

Yinger (*apud* HORTON; HUNT, 1983, p, 72) nos apresenta uma melhor definição:

[...] personalidade é a totalidade do comportamento de um indivíduo com um dado sistema de tendências interagindo com uma sequência de situações.

Observe que a convivência admite a individualidade de cada um de seus membros, porém, os padrões já experimentados e aprovados pelo e dentro do grupo exigem do indivíduo sua adaptação a esses padrões. Quem não se adapta, corre o risco de ver-se excluído do grupo por meio de sanções, as mais diversas possíveis.

Várias conclusões podem ser deduzidas desse conceito de cultura e do fato de que esse processo de convivência influencia



Saiba mais Padrões comportamentais

O comportamento é definido como o conjunto de ações e de reações de um indivíduo frente às interações e às realimentações propiciadas pelo meio em que está inserido. Nesse contexto, discorreremos sobre comportamento social, comportamento humano, comportamento animal. Fonte: Elaborado pelo autor.

profundamente não apenas os comportamentos mas também o modo de pensar das pessoas que dela compartilham em seus juízos de valor, em suas percepções e nos significados que encontram em seu meio.

Podemos dizer que cada conjunto social, em função do contexto social, constrói ou forma ao longo do tempo, uma cultura própria. As atitudes e os comportamentos dos membros dessa sociedade tenderão a diferenciar-se das atitudes e dos comportamentos dos membros de outra sociedade, um exemplo interessante sobre o que estamos dizendo é o caso dos japoneses: de maneira geral, os japoneses são trabalhadores disciplinados e empenhados, o que faz com que, ao serem demitidos, sintam-se humilhados a ponto de cometerem suicídios.

Nas culturas ocidentais, ser despedido não deixa de ser um transtorno e um abalo significativo na vida de um trabalhador, mas não chega a ser um motivo que o leve ao suicídio; da mesma forma que culturas ditas nacionais, as **subculturas***, também constroem maneiras de pensar e de agir distintas umas das outras. As atitudes das pessoas frente ao trabalho nas diferentes regiões do Brasil, ainda que pouco estudadas, são muito comentadas e geram comportamentos bastante distintos no que diz respeito aos modos e as formas de gerenciamento das organizações públicas e privadas.

O processo de socialização, como vimos na sua própria conceituação, ocorre durante toda a vida do indivíduo. Entretanto, é na infância e na adolescência que os padrões e as atitudes mais se firmam e tomam consistência na personalidade do indivíduo. O adulto pode sim alterar seu comportamento, porém, à custa de interiorização e adaptação (o que demanda certo decurso de tempo) ou a partir de confrontações que põem sua vida em risco (uma doença, um perigo iminente). O indivíduo “mal socializado”, isto é, aquele que internalizou padrões e atitudes não plenamente condizentes com a sociedade ou com o posto de trabalho que ocupa, encontrará dificuldade em mostrar o desempenho e a eficiência que lhe é exigida, porque tais padrões não fazem parte de sua personalidade.

***Subcultura** – parte da cultura total de uma sociedade que caracteriza segmentos ou grupos dessa mesma sociedade que possuem características e credos que os diferencia da cultura mais ampla da qual eles fazem parte. Fonte: Elaborado pelo autor.

ELEMENTOS DA CULTURA

A cultura produzida pelo homem em seus mais variados processos de interação com o meio que o cerca nos apresenta duas faces:

- ▶ **Elementos materiais:** todo e qualquer material físico que foi tomado e/ou modificado pelo homem passa a receber sentido ou é usado para suprimir necessidades. Incluímos entre esses materiais a tecnologia, a alimentação, as roupas, etc. Assim, um seixo rolado tomado para segurar folhas de papel, se absorvido e compartilhado pelos membros de um conjunto, passa a ser um elemento cultural; as bebidas e os alimentos e suas formas de prepará-los, também. Todos os objetos manufaturados – ferramentas, móveis, casa, construções, fazendas, qualquer objeto físico modificado pela ação do homem – constituem o acervo material de uma cultura.
- ▶ **Elementos imateriais:** toda e qualquer construção mental que está presente no dia a dia das pessoas e que faz parte daquela sociedade: ideias, crenças, costumes, hábitos, atitudes (frente à vida, ao trabalho, à riqueza, às normas etc.), símbolos, gestos e seus significados, língua falada e sotaque, formas e modelos de comportamento das pessoas. Da mesma forma, as palavras que designam as coisas de um contexto, as crenças, os hábitos, as ideias associadas etc., também se constituem em elementos não materiais.

Os elementos materiais de uma cultura são produzidos pela formação e pela construção não material de símbolos e de significados que os acompanham quase que simultaneamente: para quem não conhece o que seja um jogo de futebol, um gramado com traves e as

demarcações próprias do campo de jogo, esses elementos perdem o sentido produzido e passam a ser exclusivamente um gramado riscado daquele jeito. Para quem nunca ouviu falar de xadrez ou dama, aquele tabuleiro quadriculado não é mais do que um tabuleiro quadriculado.

O homem, portanto, é quem dá a medida das coisas que o envolvem. Dessa forma, as coisas passam a ter um sentido e se constituem em objeto material da cultura, e a medida que se dá a elas passa a ser o elemento não material dessa cultura. Os elementos não materiais da cultura é que dão sentido aos elementos materiais. Assim, o sistema de normas e de leis (expressão positiva dos valores cultivados pelo homem) regula as relações entre os membros da sociedade, os hábitos e os costumes, as instituições. Os elementos não materiais de uma cultura se constituem no que chamamos de **cultura ideal**, em contraponto à **cultura real**, constituída pelos suprimtos reais que os membros da sociedade efetivamente trocam entre si. A pontualidade é um valor que se expressa em todo tempo e lugar de culturas contemporâneas que já incorporaram o valor do tempo em seu dia a dia (cultura ideal). Entretanto, na prática, um número significativo de culturas não se importa muito com atrasos de 30 minutos ou mais para o início de um espetáculo ou de uma partida ou chegada de um veículo ou de uma reunião (cultura real).

No Brasil, o “jeitinho brasileiro” é uma expressão da cultura real; aos poucos, essa expressão começa a dar lugar a expressões da cultura ideal: em alguns ambientes, em certos grupos, em muitas organizações, já se instalou a cultura ideal do tempo de tal maneira que a ruptura desse padrão é motivo de sanções negativas (cara feia, vaias, descontos no salário, multas contratuais, entre outros).

Compreender um povo significa dar conta de sua cultura ideal e de sua cultura real. Quanto mais próxima à cultura real estiver da cultura ideal, mais satisfações terão os membros dessa sociedade, pois, teoricamente, as construções da cultura ideal são mais lógicas e foram adequadamente feitas para tratar todos com a igualdade que a diversidade existente entre seus membros requer.

No que tange à cultura real – “microformas” próprias de expressões comuns presentes entre os membros de uma sociedade –, a referência é o **traço cultural** responsável pela expressão de menores elementos que permitem a descrição da cultura.

Considerando essa nossa discussão, podemos então afirmar que os traços culturais permitem identificar a procedência de alguém?

Sim, além de justificar seus comportamentos, suas ações e suas reações e até sua maneira de pensar e de sentir. Por exemplo, quando vemos alguém segurando uma cuia de chimarrão e uma garrafa térmica, não é necessário ouvir-lhe a voz ou perguntar-lhe a origem: certamente, podemos identificá-lo como procedente do Rio Grande do Sul ou de áreas rurais do sul do Brasil. Da mesma forma, se vemos um homem trajando uma saia quadriculada que lhe vai até pouco abaixo dos joelhos, sapatos e meias 3/4, certamente podemos dizer que se trata de um traje típico escocês.

Traço, como definimos anteriormente, é uma expressão pequena de um todo maior. Trajes, comidas, cumprimentos, sentimentos, cores, gestos, sotaques e palavras, sem falar de **crenças***, costumes, ritos e rituais, manifestações coletivas, festas etc. podem muito bem ser considerados traços de uma cultura. O traço não necessariamente revela 100% uma cultura; por vezes, são necessários mais traços para permitir a identificação ou a aproximação mais completa da cultura que eles representam. Por outro lado, quando se compreende o alcance que um traço cultural representa na dinâmica de uma cultura e, por via de consequência, na vida das pessoas que estão inseridas nessa vivência cultural, podemos compreender com maior clareza essas pessoas ou intervir nessa cultura, caso seja necessário, para melhorar sua *performance* (caso de organizações) ou para melhorar sua qualidade de vida (caso de políticas públicas).

O traço cultural tomado isoladamente é a expressão de apenas uma face do todo cultural de uma sociedade. Entretanto, outra razão da importância de identificarmos e de compreendermos traços culturais está no fato de que estes, ainda que sejam expressões de uma determinada face ou de um dado aspecto da vida social, se vinculam a outros traços culturais de outros aspectos da vida social, formando uma espécie de rede que envolve a todos e perpassa, desse modo, várias formas de expressão daquela sociedade. Dito de outra forma, um traço vinculado aos aspectos de alimentação pode estar vinculado ao aspecto de saúde, de higiene, de educação, entre outros.

***Crença** – convicção profunda e sem justificativas racionais em qualquer pessoa ou coisa. Fonte: Houaiss (2009).

Sabemos que em algumas comunidades interioranas do sul do Brasil onde se cultiva o hábito de tomar vinho, transmite-se tal hábito, de forma velada, também a crianças: vemos nesse exemplo como uma dada expressão mínima, o hábito de tomar vinho, pode estar vinculada à questão da saúde (o álcool é prejudicial à saúde).

A cultura de uma sociedade forma uma espécie de rede constituída de traços culturais interconectados. Na maioria das vezes, um traço de uma instituição (família, por exemplo) se vincula a outro de outra instituição (educação) e mais outros (economia, política etc.), formando uma rede de traços com significados próprios e interferência mútua. Por isso, alterações em aspectos de uma da instituição (economia, por exemplo) produzem, ora de forma quase imediata, ora de forma mais demorada, mudanças de traços ou de aspectos de outras instituições (no caso, política, família, educação, etc.). Para entender melhor, observe a Figura 2.

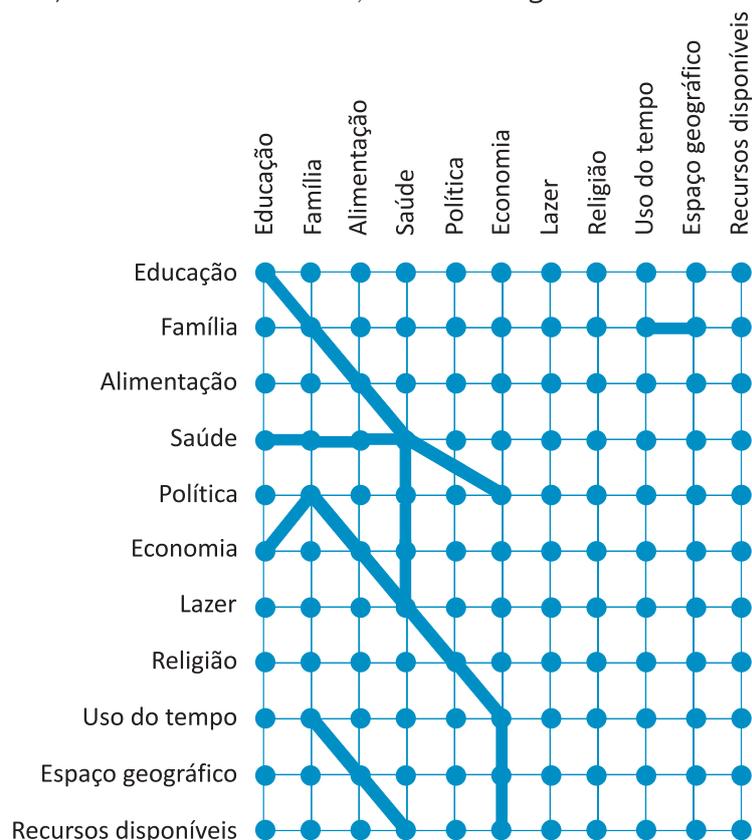


Figura 2: Rede de traços culturais

Fonte: Elaborada pelo autor

Perceba, com base nessa figura, que abolir ou lutar contra um traço cultural pode resultar, muitas vezes, em ineficiência, uma vez que um traço cultural normalmente não se expressa isoladamente. Na maioria das vezes, ele está fortemente ligado a outro traço ou a outros traços que, aparentemente, não lhe dizem respeito: a escola, por exemplo, está muito vinculada à família, que tem conexões muito estreitas com os aspectos econômicos e/ou religiosos e/ou políticos etc. Assim, ao reprimirmos um traço não desejável ou criarmos outro em seu lugar, tornamos necessário conhecer toda a série de vínculos que conectam tais traços uns aos outros para que o objetivo pretendido possa ser mais facilmente alcançado.

Essas observações são extremamente válidas quando falamos em alterações de uma estrutura social ou de mudanças em uma cultura. Sem menosprezarmos o fato de que tais mudanças devem começar pela clarificação dos objetivos e dos valores, tornamos fundamental que um levantamento de traços não condizentes com os objetivos propostos sejam listados para que, em seu lugar, sejam apresentados e postos em prática outros traços ou relações que se identificam com as novas propostas. Sem que os traços culturais sejam levantados, compreendidos, avaliados em seu conjunto, qualquer tentativa de mudança tende, a longo prazo, a resultar ineficiente, porque as pessoas, em sua sociedade ou em seu local de trabalho, estão também sujeitas à lei da inércia ([inércia social](#)).

Quando falamos de contexto social, entendemos este, como mencionamos anteriormente, ou seja, como um tecido de relações, de estruturas, de paradigmas etc., que se forma a partir dos diversos elementos (tempo, espaço, recursos etc.) que o cercam e, até certo ponto, dão-lhe condições de tornar-se consistente e permanente. Ao aplicar tais elementos à noção de cultura, podemos facilmente deduzir que tais elementos vão permitir a formação de diferenças em uma mesma sociedade.

Saiba mais

Inércia social

O conceito de inércia social é tomado da Mecânica, em que todo conjunto social estável tende a rejeitar alterações que venham a modificar seu estado. Ainda sob o aspecto de traços culturais que se vinculam uns aos outros, Falconi Campos (1992), em sua obra clássica *Controle da qualidade total*, discorre sobre eles longamente: ele não entra *ipsis litteris* nessa terminologia sociológica (traços culturais), mas explicita em outros termos – gerenciamento da rotina de trabalho – o que expomos anteriormente. Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos então entender que toda sociedade tem sua cultura, mas que esta, dentro de uma mesma sociedade, não é inteiramente homogênea?

Realmente, um mesmo povo, ao ocupar diversos espaços, com recursos diferenciados, formará ao longo do tempo pequenas diferenças nas suas relações e nos seus modelos de satisfação de necessidades: campo, cidade, montanha, planícies etc.; espaços estes que vão criar peculiaridades próprias, caracterizando-se como **subculturas**.

Tais peculiaridades se manifestarão nos mesmos fenômenos que compõem uma cultura. Podemos ver e sentir tais diferenças ao visitarmos, por exemplo, *campi* universitários em uma mesma região; povoados a pequenas ou grandes distâncias da cidade; bairros de uma mesma grande cidade. Outras vezes, no entanto, precisamos observar com mais cuidado o nosso entorno para ver essas sutis diferenças que fazem com que a sociedade não seja um bloco uniforme, mas sim um bloco com diferenças não essenciais que lhe subtraíam a homogeneidade e a tornem mais interessante e rica de detalhes.

Evidentemente, uma subcultura, como o próprio nome está dizendo, se expressa em grupos ou segmentos de uma sociedade por formas e modos um pouco diferentes daqueles que caracterizam a cultura como tal, seja nos comportamentos (observação que se faz a “olho nu”), seja no modo de pensar ou de sentir (constatável a partir de pesquisas que utilizam métodos indiretos de observação). Um exemplo claro de observação a olho nu é pararmos para observar os diferentes comportamentos entre cariocas e paulistas. E, para o segundo caso, a Figura 3 serve de ilustração.

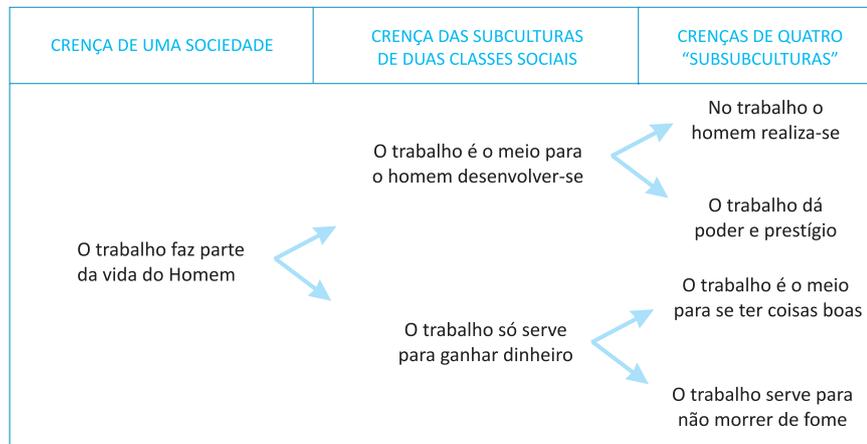


Figura 3: As crenças variam conforme a cultura, a classe social e as categorias

Fonte: Adaptada de Bernardes e Marcondes (1999)

Corroborando com essa discussão, a famosa antropóloga americana Ruth Benedict, em seu livro clássico *Patterns of culture*, publicado em 1934, apresenta uma discussão sobre as características sociais do povo de uma pequena ilha ao sul da Nova Guiné Oriental chamada Dobu. A citação a seguir foi extraída da edição francesa dessa obra, *Padrões de Civilização*:

Dobu é uma pequena ilha ao sul da Nova Guiné Oriental. [...] Por sua localização, esta ilha fica perto das Ilhas Trobriand, descritas por Malinowski. As ilhas são próximas e o povo de Dobu navega a vela para negociar com o povo de Trobriand. Entretanto, convém notar que são dois povos de características e temperamentos completamente diferentes. As ilhas Trobriand são baixas e férteis e permitem a seus habitantes levar uma vida relativamente fácil e hospitaleira: o solo é rico e suas lagoas e baías são tranquilas e piscosas. Do outro lado, Dobu tem uma costa rochosa e um solo vulcânico, com apenas algumas franjas de terras cultiváveis. A população trabalha duro para tirar do solo um mínimo de alimentos suficientes apenas para a sobrevivência.[...] Entretanto, a fama dos “dobuanos” naquelas ilhas não tem nada a ver com sua pobreza: eles são “gente perigosa”. Eles são considerados feiticeiros dotados de poderes diabólicos e guerreiros.

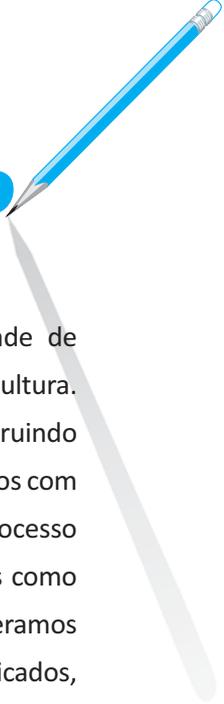
ros que não recuam diante de nenhuma dificuldade para realizar a vingança. Antes da aparição do homem branco, eles eram o único povo canibal e isto numa região onde a maior parte dos povos não comia carne humana. (BENEDICT, 1950, p. 177, tradução nossa).

Na sequência, Horton e Hunt (1980, p. 73-74) continuam a descrever as características sociais desse povo:

[...] a criança dobuana poderia pensar duas vezes antes de vir a este mundo, se tivesse a possibilidade de escolher. Ela nasce numa família em que o único membro capaz de interessar-se por ela é um tio, irmão da mãe, do qual ela se tornará herdeira. O pai, que se interessa pelos filhos da própria irmã, fica aborrecido porque terá de esperar até que a criança fique desmamada para voltar a ter relações sexuais com a mãe. Muitas vezes a criança também é rejeitada pela mãe, sendo o aborto muito frequente. Em Dobu, as crianças recebem pouco calor humano ou afeição. A criança dobuana logo aprende que vive em um mundo governado pela magia. Nada acontece por causas naturais: todos os fenômenos são controlados por bruxaria e feitiçaria. Doenças, acidentes e mortes são evidência de que a bruxaria foi usada contra a pessoa, o que vai exigir vingança por parte dos parentes. A má vontade e a traição são virtudes em Dobu e o medo domina seus habitantes. Cada dobuano vive no temor de ser envenenado: o alimento é cuidadosamente vigiado enquanto é preparado e há, efetivamente, poucas pessoas com as quais um dobuano consentiria em partilhar uma refeição. O casal dobuano passa anos alternados nas vilas da mulher e do marido, de modo que um deles é sempre um forasteiro humilhado e crivado de suspeitas, que vive na expectativa diária de ser envenenado ou de que lhe sobrevenha alguma outra desgraça. Em consequência dos muitos divórcios e novos casamentos, cada vilarejo abriga homens de outros vilarejos: assim, nenhum deles confia nos anfitriões e todos desconfiam

uns dos outros. De fato, não se pode confiar totalmente em quem quer que seja: os homens estão sempre angustiados com as possíveis bruxarias da mulher além de temerem as sogras. [...] Os dobuanos são hostis, desconfiados, ciumentos, desacreditados, sinuosos e enganosos. Essas são reações racionais pois vivem em um mundo repleto de males, cercados de inimigos, de bruxas e feiticeiros: de repente, poderão ser aniquilados. Segundo critérios e conceitos ocidentais de higiene mental, todos os dobuanos são paranóicos a ponto de terem de apelar para a psicoterapia. Mas chamá-los de paranóicos seria incorreto, pois seus medos são justificados e não irracionais: os perigos que enfrentam são genuínos e não imaginários. Uma personalidade paranóica imagina que os outros a estão ameaçando, mas em Dobu os outros estão mesmo querendo dar cabo de seus semelhantes. Assim, a cultura molda um padrão de personalidade que é normal e útil para essa cultura.

Resumindo



Ao longo desta Unidade, você teve a oportunidade de conhecer o processo de socialização e de formação da cultura. Viu que, em seu desenvolvimento, o ser humano vai construindo formas de relacionamento de modo a evitar choques e atritos com os demais semelhantes que vivem a sua volta. Esse é o processo de socialização: uma padronização de formas e conteúdos como resposta às necessidades comuns. Assim, quando consideramos a totalidade dessas formas e conteúdos, símbolos e significados, crenças e costumes etc. de uma sociedade, estamos falando de sua cultura, ou seja, de um conjunto de expressões próprias que são compartilhadas por todos e que se transmite de geração em geração. Nessa cultura, mesclamos elementos materiais (objetos diversos, utensílios, construções) e imateriais (crenças, valores, rituais). Cada lugar, cada organização, cada comunidade tem sua própria cultura. Ao absorver e vivenciar os objetos materiais e imateriais da cultura de uma maneira mais própria e diferenciada, um grupo de pessoas tende a construir uma subcultura. Alterar a cultura ou parte dela é um processo delicado que exige cuidados especiais, sobretudo, no que diz respeito às pequenas manifestações chamadas de traços culturais.

Esperamos ter contribuído com o seu aprendizado, uma vez que buscamos destacar a relevância dos temas “relações sociais” e “cultura” a partir de sua contextualização no cotidiano das pessoas. Se você ainda tem dúvidas, retorne à leitura ou busque o auxílio de seu tutor.



Atividades de aprendizagem

Você terá agora atividades referentes ao tema estudado nesta Unidade para fixar seu aprendizado. Esperamos que o conteúdo tenha ajudado você a entender as características principais desse processo.

1. Uma construção cultural é a forma que um determinado aglomerado humano encontrou/criou para resolver um problema ou para expressar uma crença ou para simbolizar uma meta. Assim, a casa é um abrigo da intempérie ao mesmo tempo em que preserva a privacidade do homem; a roda é uma tecnologia de uma infinidade de utilidades; o medicamento é uma droga para combater uma doença etc. Faça uma lista das construções culturais expressas no texto de Horton e Hunt (1983, p. 39), constante da página 40 deste livro-texto, que descreve a manhã de um estudante norte-americano e de um jovem Purari.
2. Faça uma lista de elementos culturais materiais e imateriais da organização em que você trabalha, acrescentando o sentido/significado que eles têm nesse ambiente (o sentido/significado pode ser diferente de uma organização para outra).
3. Identifique uma região do Brasil e liste pelo menos dez traços culturais próprios dessa região.
4. Com base no conceito de socialização e cultura, identifique características distintas entre a cultura brasileira e a cultura de um país vizinho (Argentina, Uruguai, Peru etc.) ou de uma tribo indígena que você conheça.
5. Tendo compilado o exercício 4, tente justificar por que aparecem tantas diferenças.